

JOHN NASH

Economista-chefe do Departamento de Desenvolvimento Sustentável do Banco Mundial

O AUTOR DO ESTUDO QUE ANALISA A TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO DA AMÉRICA LATINA GARANTE: EXPLORAR E VENDER *COMMODITIES* É UM DOS TRUNFOS DO BRASIL NA BUSCA DO DESENVOLVIMENTO

# Competitividade *in natura*

{Andreas Müller}

**Q**uem disse que a vocação para exportar grãos, carnes, minério de ferro e outras *commodities* é um obstáculo ao desenvolvimento da economia brasileira? Para John Nash, economista-chefe do Departamento de Desenvolvimento Sustentável do Banco Mundial, a abundância de recursos naturais é um dos pontos fortes do Brasil na busca por maior competitividade. Autor do estudo "Recursos Naturais na América Latina: Indo além das Altas e Baixas", lançado pelo Banco Mundial, Nash afirma que o país é um dos poucos que sabem explorar a venda de *commodities* como alavanca para o desenvolvimento. Para que essa vantagem seja duradoura, porém, o Brasil terá de adotar políticas que garantam a sustentabilidade dessa riqueza. Bem-humorado, Nash conversou com AMANHÃ durante uma hora e, ao final, brincou dizendo que não é "aquele John Nash" que ganhou Prêmio Nobel pela criação da Teoria dos Jogos - e cuja trajetória foi retratada em uma superprodução de Hollywood. "Eu não sou uma mente brilhante, viu?"

*O estudo mostra que a vocação para produzir e exportar commodities não é necessariamente um fardo para a América Latina. Que mensagem fica para os críticos da atual matriz econômica desses países, especialmente do Brasil, que sempre foi um grande exportador de commodities?*

A América Latina tem apresentado uma taxa de crescimento bastante elevada mesmo durante a crise recente. Esse crescimento coincide com o verdadeiro boom registrado nos preços globais das *commodities*. E esta é uma mensagem positiva que o estudo nos traz: os países da América Latina descobriram como aproveitar a ocasião. Suas políticas de gestão macroeconômica avançaram - hoje, estão melhores, muito melhores que em períodos anteriores. Com a grande demanda na Ásia, as *commodities* estão com preços bem mais altos e os países fornecedores, aí incluído o Brasil, estão registrando avanços consistentes por causa disso.

*Mas é uma vantagem duradoura? Historicamente, muitos economistas criticam esse modelo, alegando que os preços dos recursos naturais tendem a ficar cada vez menores em re-*

*lação aos dos manufaturados...*

De fato, essa era a hipótese de alguns economistas até poucos anos atrás, especialmente de Prebisch e Singer [Nash se refere aos economistas Raul Prebisch e Hans Singer, autores de uma famosa crítica aos países com vocação para exportar *commodities*]. A tese deles foi bem aceita nos anos 1950, 1960 e 1970, até porque se baseava em uma observação objetiva da tendência histórica das *commodities*. Quem analisava os gráficos não tinha dúvidas: parecia, mesmo, que os preços estavam caindo. Entretanto, hoje, se você ampliar o campo de observação e usar alguns métodos econométricos para determinar a variação dos preços, encontrará evidências bastante claras de que a tendência das *commodities* não é de queda. Estatisticamente falando, trata-se de um "passeio aleatório" - ou seja, não há razão para se esperar que eles caiam indefinidamente.

*Com a Ásia demandando cada vez mais energia, água e alimentos, é possível considerar que os preços das commodities entrem em uma trajetória permanente de alta?*

Não. A ascensão de alguns países do leste e do sul da Ásia criou uma demanda

nova por *commodities* - e isso explica, sim, por que os preços têm permanecido tão elevados. Entretanto, não penso que eles continuarão subindo sempre. Quer dizer: eles não vão cair, mas tampouco vão subir.

### **Como assim?**

É que tem também o lado da oferta. Os preços das *commodities* podem estar altos agora. Mas a produção está aumentando e há um limite que o mercado aceita pagar. Além disso, sabemos que, no longo prazo, novas reservas de petróleo e minerais em geral deverão entrar em produção. Aí os preços já não serão tão altos, mas também não serão muito mais baixos.

***Mas é prudente fortalecer a exportação de commodities e de outros produtos básicos? Nos anos 1960, por exemplo, o Brasil ficava altamente exposto às variações do preço do café...***

Sim, mas hoje o minério de ferro é seu principal produto de exportação,

certo? Se você analisar, vai perceber que até mesmo o minério de ferro responde por uma parcela pequena no total de exportações do Brasil. É diferente do que ocorria nos anos 1960. Naquele tempo, só o café representava mais de metade das exportações brasileiras. Há um claro processo de desconcentração aí.

***Com esse maior equilíbrio, focar na venda de recursos naturais pode ser uma boa escolha?***

Para um país como o Brasil, sim. Quer dizer: diversificar e agregar produtos manufaturados à pauta de exportações é sempre bom. Mas penso que a diversificação da pauta brasileira pode se valer dessa abundância de diferentes *commodities* - sem aquela necessidade de buscar produtos que não sejam *commodities*. Quando

**“Vender commodities não é uma maldição, mas tampouco é uma bênção. É algo que deve ser aproveitado – com as políticas adequadas para isso”**



60% de sua exportação é de café, aí, sim, você fica muito exposto às oscilações dos preços. Mas quando você exporta diferentes *commodities*, o resultado final não se altera tanto assim. Sempre há um produto em alta e outro em baixa. Claro que eles não são perfeitamente correlacionados, mas o efeito final, ao contrário do que muitos imaginam, pode ser muito bom.

***Historicamente, o Brasil tem feito grandes esforços para reduzir sua dependência das exportações de commodities. Por que é tão difícil fazer essa transição?***

Há, obviamente, aspectos que precisam ser observados aí. Um deles é a chamada "doença holandesa". Quando um país começa a ganhar muito dinheiro com as exportações de *commodities* e recursos naturais, a tendência é de que entre em um processo de desindustrialização. Afinal, você tem grandes rendas, grandes lucros associados à venda de recursos naturais - que geram um enorme influxo de moeda estrangeira. O resultado é uma depreciação da taxa real de câmbio que reduz os incentivos para o desenvolvimento de outros setores, como a indústria, por exemplo.

***O Brasil está passando pela "doença holandesa"?***

Não chegamos a analisar se isso ocorre no Brasil. Certamente o problema é sério em alguns países. Mas, no Brasil, onde o principal produto de exportação, que é o minério de ferro, representa apenas 7% dos embarques, não me parece que isso seja um problema tão sério. Me preocupo muito mais com a Venezuela, por exemplo, onde o petróleo representa 60% ou 70% de toda a exportação.

***Com a chegada do petróleo do pré-sal, qual é o risco que o Brasil corre de supervalorizar a exploração de recursos básicos?***

Algumas vezes, isso foi bom; em outras, percebemos que os países responderam mal e acabaram ainda mais pobres do que começaram. Nossa intenção foi identificar se há, mesmo, algum tipo de "maldição" que acompanha a dependência de *commodities* - e como se pode evitar essa maldição.

***Concluído o estudo, você tem segurança para dizer que a dependência de commodities não é uma "maldição"?***

Acho que não é uma maldição, mas tampouco é uma bênção. *Commodities* são um tipo de recurso que os países podem e devem aproveitar - desde que tenham as políticas adequadas para isso.

***O Brasil tem essas políticas?***

É difícil dizer. Mas a história recente mostra que o Brasil está seguindo uma trajetória muito boa. Sua economia

está diversificada e apresenta um dos melhores desempenhos na América Latina.

***Onde podemos melhorar?***

Não sei se podemos apontar o dedo e dizer que esse ou aquele ponto precisa ser melhorado. Mas eu diria que há algumas coisas com as quais o país deveria ser mais cauteloso. Por exemplo: como gerenciar as novas receitas geradas pelas reservas do pré-sal? Considero positivo o fato de que o governo brasileiro está pensando em algum tipo de fundo para gerenciar e atenuar os impactos da oscilação dos preços do petróleo. A medida que o petróleo se tornar abundante no Brasil, essa será uma questão mais importante: como estabilizar o fluxo de receita e evitar que a economia entre em ciclos alternados de expansão e contração?

***Em um mundo cada vez mais alinhado com os princípios da sustentabilidade, há espaço para um país crescer amparado na indústria do petróleo ou na agricultura?***

Bem, essa questão é complicada. A indústria petrolífera, por exemplo, gira em torno de um recurso que não é renovável. Logo, se formos falar de sustentabilidade na indústria do petróleo, teremos de falar em como economizar esse recurso a longo prazo. Ou de reservar uma parte que possa ser aplicada no desenvolvimento de novos meios de produção. O ponto-chave é usar essa riqueza para evitar que a economia não se esgote à medida que o petróleo se esgotar. Uma forma de fazer isso é investindo em capital humano ou em uma nova infraestrutura produtiva para que as gerações futuras continuem a colher seus benefícios.

# Anúncio